

JOÃO CÉU E SILVA

UMA LONGA VIAGEM
COM
VASCO PULIDO VALENTE

CONTRAPONTO.

ÍNDICE

A VIDA CORTADA AO MEIO	11
RATO DE BIBLIOTECA	33
O SÉCULO MARAVILHOSO	51
COMO SALAZAR SE SENTA NA CADEIRA	71
DÚVIDAS LOGO NO 1.º DE MAIO	187
RESTAURANTES E CORRUPÇÃO	221
SEDUÇÃO NUMA PASTA DE RECORTES	245
FORA DOS TEMPOS	269
NOTA FINAL	293

A narrativa deste livro mantém o tom do presente com que se esperava vir a publicá-lo. É a versão dos acontecimentos por Vasco Pulido Valente, mesmo que não se tenha esquecido o contraditório nesta *Longa Viagem*, que teve por razão uma tentativa de compreender Portugal à luz do seu passado mais recente de dois séculos. A primeira sessão iniciou-se com a partida da corte portuguesa para o Brasil em 1807, para fugir às Invasões Francesas, e percorreu a nossa História até quase aos últimos dias da sua vida.

As quarenta e duas conversas começaram a 15 de outubro de 2018 e foram interrompidas a 20 de janeiro de 2020. Morreu cerca de um mês depois, a 21 de fevereiro. Nasceria no dia 21 de novembro de 1941.

A VIDA CORTADA AO MEIO

O maior drama na vida de Vasco Pulido Valente acontece na noite de 4 de dezembro de 1980, quando a avioneta em que Francisco Sá Carneiro viajava para o Porto se despenha sobre as casas do bairro de Camarate poucos segundos após ter levantado voo do aeroporto de Lisboa. «A minha vida foi cortada ao meio com esse acidente», confessa amargurado quase quatro décadas depois. O segundo grande drama de Vasco Pulido Valente foi anterior e de natureza profissional, ao decidir não permanecer na Universidade de Oxford e tornar-se historiador a tempo inteiro.

Este segundo drama não teria tido um impacto tão devastador no homem que ambicionava ser se Sá Carneiro não fosse um «teimoso» e culpado pela sua própria morte, pois Vasco Pulido Valente contava então ter pela frente uma carreira política que desmoronou com o acidente aéreo. O modo como define Sá Carneiro ao longo de todas as conversas que se seguiram confirma que nunca deixou de se sentir galvanizado pelo político social-democrata e basta ouvir umas poucas palavras para definir esse tempo: «Conheci-o, tive uma conversa com ele e ficámos os dois ligados até ao fim.» Usa a palavra «fim» em vez de acidente, atentado, explosão, assassínio ou qualquer uma das que estiveram nas entrelinhas das conclusões díspares das dez comissões parlamentares de inquérito a Camarate.

Para si, no entanto, não existem dúvidas: «Não tenho a menor dúvida de que foi um acidente, nunca um atentado. A avioneta tinha

tido uma avaria em voo e feito uma aterragem forçada, e não é que o Sá Carneiro se mete nessa mesma aeronave para chegar a um comício no Porto, porque as sondagens eram contra o candidato Soares Carneiro na eleição presidencial? Foi uma doidice, e que já se previa, pois, quando apareci na sede do PSD, as secretárias agarraram-se às minhas mãos a dizer “Ó Vasco, convença-o”, “Ó Vasco, salve-o”. As pessoas, mesmo adultas, mesmo primeiros-ministros, são muitas vezes burras em partes essenciais da sua vida. Ele tinha aquela mania de que era o mais corajoso de todos e que enfrentava tudo; Soares também a tinha e disse numa situação semelhante “acabem com esse pânico; eu vou neste avião e não pode acontecer nada”. O Sá Carneiro era a mesma coisa, mas teve menos sorte.»

Na última conversa que tivemos, compreende-se o seu maior desgosto por via desse desabafo, o de uma vida cortada pela «idiotice de Sá Carneiro em deixar-se morrer». Trata-se da sua vida, por causa de «um dirigente que não teve cuidado e deitou tudo a perder ao entrar numa avioneta avariada». Vasco Pulido Valente nunca superará o facto de ter perdido o direito a essa segunda vida, por considerar que a desperdiçou na atividade jornalística, mesmo que as suas crónicas políticas o tenham tornado no comentador que ficou para a História nas últimas décadas do século xx e nas duas primeiras do século XXI, e que todos os obituários confirmaram nos minutos após ter sido tornada pública a sua morte em casa. Crónicas imbuídas da particularidade de saber encontrar as palavras certas para explicar os acontecimentos e, até, inventar outras que entraram na vida política, como aconteceu com a designação «geringonça» para a aliança de esquerda entre o PS, o PCP e o Bloco de Esquerda.

Porque pretendia Vasco Pulido Valente ficar conhecido? A resposta foi dada mais do que uma vez nestas quatro dezenas de conversas, que ultrapassavam as duas horas cada, tidas durante as segundas-feiras ao fim da tarde: «Gostava de me ter dedicado à História do século XIX. Era o que deveria ter feito e nada mais. Deixar uma História completa desse século, que é tão importante para compreender o país que em grande parte ainda hoje somos.»

Não o fez, nem nunca se perdoou pelo descaminho na vida universitária, e fez questão de o repetir nos momentos mais pessoais desta *Longa Viagem*, como quando foi questionado sobre a principal razão de regressar a Lisboa após a vivência na Universidade de Oxford: «Eu dava-me muito bem com o orientador da minha tese, “O Poder e o Povo – A Revolução de 1910”, que era o Raymond Carr, e ele convidava-me frequentemente para almoçar ou jantar no melhor restaurante de Oxford. As conversas eram ótimas, ele era um grande copo também, e continuávamos a ver-nos durante uns tempos enquanto estava em Inglaterra, porque me convidava para os seus seminários e conferências – ele era conselheiro militar do Exército inglês. Raramente tivemos conversas no College em Oxford antes; eu contava-lhe o que queria fazer, ele presumia que tinha feito o trabalho de casa e discutíamos como é que se devia tratar o assunto. De vez em quando deixava-lhe umas coisas que tinha escrito e, quando fosse oportuno, analisávamos. Para o fim já nem isso. Ele era especialista em História de Espanha, desta malfadada Península Ibérica.»

Numa crónica de 1993, Vasco Pulido Valente recorda esse tempo em Oxford assim: «Eu, humildemente, confesso que não passei o denominado “marcelismo” em Portugal e que os anos de Marcello foram sem dúvida os mais felizes da minha vida. Saí de Lisboa poucos dias depois de Salazar cair da cadeira e voltei poucos dias antes do 25 de Abril. Em Oxford, cheguei a receber uma ou duas cartas de João Bénard, em que ele me narrava em prosa teológica o seu encontro místico com o povo português ao pé de Vila Franca de Xira. Mas Portugal começou a desaparecer na sonolência atávica da Universidade. De longe em longe, a Pátria emergia em três linhas na décima sétima página do *Times* e essas três linhas normalmente não me excitavam.»

Nunca pensou ficar em Inglaterra para sempre?

«Pensei e fiz muito mal em não ficar. Estive lá cinco anos, entre os finais da década de 1960 e o princípio da de 1970, e hesitei muito

em regressar. Se quer que lhe diga com toda a franqueza, foi por não me querer separar do país. O mundo lá fora é muito grande e dentro desse mundo a comunidade anglo-saxónica também é enorme. O que implica um esforço muito maior, que causa uma solidão tremenda. Nós aqui em Portugal temos a cama feita, há sempre alguém que ajuda, sempre alguém que dá um empurrão ou estende a mão. No mundo anglo-saxónico não é assim e desagradava-me não pertencer a alguma coisa orgânica e em que pudesse participar. Estava lá sem família, estava lá sem amigos, estava lá sem país e a vida inglesa é um clube muito fechado para toda a gente de fora. É difícil. É enregelante. Poderia dar aulas, mas somos anónimos.»

Vasco Pulido Valente não parecia ser dado a uma conversa durante quinze meses, mas foi o que aconteceu. Tudo começa a propósito do seu último livro, *O Fundo da Gaveta*, e de uma entrevista para o *Diário de Notícias*, que correu bem e em que surgiu a ideia de continuar a série *Uma Longa Viagem* consigo. Vasco Pulido Valente não era um escritor de ficção como os anteriores entrevistados, mas não deixava de ser um autor devido aos seus livros de História, em que revelava o calibre de um verdadeiro escritor. Depois de se acordarem as condições, passados dois meses deu-se início às sessões. O objetivo era Vasco Pulido Valente contar a História de Portugal desde a partida do rei D. João VI para o Brasil, para escapar à primeira invasão francesa, e, partindo desse momento, chegar até ao presente. A grande questão que lhe foi posta era a de se poderíamos ainda olhar a atualidade como um processo histórico decorrente desse ano de 1807 e continuado até às primeiras décadas deste novo milénio. Pelo meio, além da narrativa do historiador, pretendia-se ter também presente o político e o autor de opinião mais influente das últimas décadas, num caudal quase ininterrupto nas colunas da imprensa até ao início de 2020, momento em que Vasco Pulido Valente se desligou do mundo em poucos dias.

Ele bem avisara meses antes, enquanto equacionava o convite do jornal *Público* para voltar a escrever a sua coluna: «Não sei se